INFANTIS

Pinóquio

Gulliver

Aladim

Chapeuzinho Vermelho

A Bela Adormecida

Cinderela

Sítio do Pica-pau Amarelo

Pequeno Polegar

Ali Babá

O Patinho Feio

Alice no País das Maravilhas

Branca de Neve

VIRTUALBOOKS

Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Espírito da Luz

O Espírito da Luz

Um pequeno espírito da luz vivia dentro de uma lâmpada elétrica que pendia do teto do vestíbulo de uma casa de campo. Durante a noite tinha a obrigação de iluminar aquele vestíbulo e mais toda a escadaria. Este trabalho parecia muito difícil para o espírito luminoso.

- Que vida miserável é a minha! - disse certa manhã para a enorme lâmpada que estava junto dele. - Sou igual aos guardas-noturnos: não posso fechar os olhos a noite toda! Só me deixam dormir durante o dia. E até isso, parece que essa gente acha muita coisa, porque mal começo a cochilar um pouquinho, já aparece alguém que aperta o interruptor e me desperta. Dizem que a escada é muito escura e que eu preciso iluminá-la. Por quê, em vez de ser um espírito luminoso, não nasci uma lâmpada grande? Tu sim, é que tens boa vida! Só te acendem quando chegam visitas!

- Não devias ser tão humilde! - respondeu a lâmpada, com sua voz cristalina. - vive um pouco para a tua comodidade! Os outros, logo, se

acostumarão, e ficarão tão contentes contigo como antes!
- Está bem, vou seguir teu conselho - replicou o pequenino espírito. - Esta noite dormirei e ninguém me acordará.
Naquela noite o dono da casa voltou do passeio e acionou o interruptor. Mas o espírito não se mexeu, e continuou apagado. Por causa disso o proprietário subiu às escuras pela escada, escorregou e quebrou uma perna.
Quando o pequeno espírito viu o que havia feito, derramou muitas lágrimas e resolveu brilhar todas as noites, sem esperar que ninguém o acordasse.
Na noite seguinte um homem começou a subir cautelosamente a escada. Numa das mãos levava um molho de choves. De repente toda a casa se agitou.
- Um ladrão! Ladrão! - gritavam todos. Acudam! - E por todas as portas saiu gente. Prenderam o ladrão e o entregaram à polícia.
- Maldita luz! - gritou o homem. - Es a culpada da minha infelicidade! Se não fosses tão forte, ninguém me descobriria!
Novamente o espírito luminoso derramou muitas lágrimas ardentes e sentiu-se muito confuso a respeito do que é o bem e o mal. Por isso resolveu sair pelo mundo, perguntando como a gente deve comportar-se a fim de fazer a felicidade de todos.
Pelo caminho encontrou uma mulher vestida de preto dos pés a cabeça. Até seu rosto estava coberto por um grosso véu negro, de modo que só se podiam ver seus olhos escuros e cintilantes, que fitaram severamente o espírito da luz.

Quem é você? - perguntou com timidez o espírito.
Sou a Noite - respondeu a mulher. - E tu és o meu pior inimigo. Com tua maldade destróis grande parte do meu poder, acabando com as trevas que eu espalho. Eu estendo meu véu negro sobre os aflitos e lhes tiro por umas horas suas preocupações da terra. Dou uma grande paz aos corações e descanso aos membros cansados. Mas tu, com tua luz, perturbas esse repouso tão necessário.
- Perdoe-me, D. Noite - sussurrou o espírito luminoso. - Prometo-lhe que isto não tornará a acontecer.
E com o coração já tranqüilo, voltou para a sua lâmpada. Sabia o que ia fazer. Durante a noite, dormiria com as outras criaturas, e em troca brilharia durante o dia!
No fim de pouco tempo resolveu sair de novo pelo mundo, para ver se estavam todos contentes com ele. Pelo caminho encontrou um homem enorme, carregando um manto dourado e com uma enorme cabeça calva, da qual brotava copioso suor. Vendo o espírito da luz, o homem desatou a rir às gargalhadas. Ria tanto que parecia não poder mais parar.
- Quem é o senhor, e por que caçoa de mim? - perguntou o espírito luminoso, com o rosto muito corado de vergonha.
- Sou o Sol - respondeu o homem, com voz alegre. - Acho graça de ti, espírito sem juízo, porque tens a pretensão de competir comigo! Pensos que o teu débil brilho pode comparar-se com os meus raios de luz? Devias sentir vergonha, garoto. Não serves para nada!

O espírito da luz voltou a toda pressa para a lâmpada e lhe disse tristemente:
- Vejo que não posso satisfazer a todos. Além disto, aqui na Terra sou completamente inútil. Sabes de uma coisa? Vou morrer, porque estou cansado de mim mesmo e do mundo!
E tombando no solo de cristal da lâmpada, exalou sua última luz.
No dia seguinte a lâmpada ouviu o dono da casa dizer à criada:
- Maria, essa lâmpada queimou! Vá correndo até o bazar e compre outra!

FIM